

PAISAGENS HABITÁVEIS

Elisa Rossin (Universidade de São Paulo-USP)¹

RESUMO

O presente ensaio compartilha a trama de questionamentos envolvidos na comunicação performativa realizada no XI Congresso da ABRACE intitulada “Paisagens habitáveis- um experimento (auto) ficcional”. Trata-se de um vídeo-poema criado a partir de estudos experimentais de um corpo que dança reinventando as paisagens de seu próprio território-casa durante a Pandemia, causada pela COVID 19. De modo experimental, a minha imagem corporal é apresentada em diferentes planos visuais e integrada a camadas subjetivas através de sua interação com jogo de sombras, projeções e edições videográficas.

A discussão apresentada tem a intenção de aprofundar os pensamentos que motivaram a criação performativa compartilhada no evento como uma continuidade da minha pesquisa de doutorado, concluída em 2019, voltada ao estudo de mascaramentos corporais e espaciais. O ensaio representa, portanto, uma extensão desse eterno e mutável “estado de pesquisa” que não separa a vida cotidiana da criação artística, e está relacionado a necessidade de investigar novos processos criativos, sempre mesclando as experiências práticas com reflexões de ordem teórica. A discussão se concentra em modos de autorrepresentação, que de forma híbrida e interdisciplinar, deixa-se atravessar por diferentes linguagens, como o vídeo, dança, colagem e literatura.

PALAVRAS CHAVES:

Videodança, mascaramento, autoimagem, arte contemporânea

ABSTRACT

The present essay shares the questions involved in the performative presentation made at the XI ABRACE Congress entitled "Inhabitable Landscapes - a (self) fictional experiment", a video-poem created from experimental studies of a dancing body reinventing the landscapes of its own territory-home during the Pandemic, caused by COVID 19. In an experimental way, my body image is presented in different visual

¹ Elisa Atriz é diretora cênica, atriz, artista visual, criadora de máscaras, figurinista e diretora de arte. Doutora em Artes Cênicas pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

planes and integrated to subjective layers from its interaction with shadow play, projections and video editing.

The discussion presented is intended to deepen the thoughts that motivated the creation of the performance as a continuation of my doctoral research, completed in 2019, focused on the study of bodily and spatial masking. The essay represents, therefore, an extension of this eternal "research state" that does not separate everyday life from artistic creation and is related to the need to investigate new creative processes, always merging practical experiences with reflections of the theoretical order. The discussion focuses on modes of self-representation that, in a hybrid and interdisciplinary way, allow themselves to be crossed by different languages, such as video, dance, collage, and literature.

KEYWORDS

Videodance, masking, self-image, contemporary art.

- I. De qualquer modo começar quando a imobilidade paralisa.



Imagem 1: Registro da apresentação performativa. Arquivo pessoal da pesquisadora.

Julho de 2020. Sinto uma terrível dor na lombar e por semanas deixo de andar, de me movimentar e de sorrir. Desesperada, dou início a um tratamento de fisioterapia de modo remoto. Logo na primeira consulta, ao tentar transmitir para o profissional que me orienta o histórico da minha dor e um pouco da minha trajetória, lembro que já fui dançarina! Que gostava mais de dançar do que de escrever; que pensava mais através dos movimentos do que por palavras; que também era mais jovem e sentia com maior profundidade e consciência as vibrações e as sensações do meu próprio corpo.

A recomendação do fisioterapeuta foi que eu realizasse uma sequência de alongamentos e exercícios básicos para soltar a musculatura. Esses deveriam ser seguidos por experimentações livres, com movimentos improvisados, como uma “dança pessoal”, por pelo menos dez minutos diários. Esses momentos passaram a ser registrados com a câmera do meu celular e encaminhados a ele para melhor acompanhamento do tratamento.



lo

II. D
e
qualq
uer
modo
as
cores
e o
múscu

Imagem 2: Registro da ação performativa. Arquivo pessoal da pesquisadora.

O que encontramos, aqui, é um corpo que se abre às forças da vida que agita a matéria do mundo e as absorve como sensações, a fim de que estas por sua vez nutram e redesenhem sua tessitura própria. Saber do mundo, nesse caso, é colocar-se à escuta desta sua reverberação corporal, impregnar-se de suas silenciosas forças, misturar-se com elas e, nesta fusão, reinventar o mundo e a si mesmo, tornar-se outro. Plano de conhecimento onde corpo e paisagem se formam e reformam ao sabor do movimento de uma conversa sem fim. (ROLNIK, s.d., p.3)

Após essa primeira consulta, coloco-me em movimento, em doses curtas e diárias. O fundo das memórias ativadas me traz uma percepção do tempo em mim, muito concreta e fisicamente. Percebo, aos poucos, uma ativação profunda e silenciosa das minhas células, meus músculos e meus órgãos. Minhas memórias corporais se colocam em ebulição! Meu sistema corporal reage intensamente aos estímulos recebidos, ativam-se sensações inúmeras que, animadas pelo inconsciente, revelam imagens poéticas e despertam impulsos e afetos diversos. Sinto-me a reinventar meu mundo pessoal (físico e sensório). Me questiono: quais imagens criamos do nosso próprio corpo? Ou melhor,

do nosso próprio ser? Como elas se transformam e são “reconfiguradas” com o passar dos anos? Como movimentamos as teias do tempo que revestem os ossos, os músculos, os pensamentos e o nosso imaginário ao longo da vida?

Esse dançar diário e obrigatório, me nutre e começo a melhorar muito rapidamente. De qualquer modo o coração e suas pulsações vitais me levam a construir novas paisagens, já que não posso mais sair de casa. Desenho no espaço aquilo que sinto e que me coloca em movimento, interna e externamente. De dentro para fora crio imagens com o que sinto e danço em um processo de cura criativa. Deixo-me atravessar pela atividade imaginante, com movimentações pessoais que me tocam na intimidade. Os registros que envio para o meu fisioterapeuta passam a ser gravados e editados como pequenas performances, nas quais com pedaços e sensações de mim, construo e me desconstruo, costuro narrativas visuais e auto ficções poéticas. Em pouco tempo a dor lombar desaparece, mas sigo a dançar diariamente.

III. De qualquer modo coleciono montanhas



Imagem 3: Registro da ação performativa. Arquivo pessoal da pesquisadora.

Julho de 2021. Organizo todos esses registros videográficos do meu “tratamento” e crio uma apresentação performática (ou seria uma videoarte?) para ser compartilhada no XI Congresso da ABRACE no GT Mulheres da Cena. Nessa composição final, meu corpo é introduzido em dimensões atemporais e se reinventa plástica e visualmente. No trânsito dialético entre o real e o ficcional, minha autoimagem se associa ao verbo **transformar** e seus sinônimos: modificar, comutar, transmutar, metamorfosear, transfigurar, remodelar, deformar, transvestir, transverter, transubstanciar. Nos limites do EU, as imagens que construo podem ser reconhecidas

também como elaborações de uma corporeidade espetacular a partir das provocações do imaginário. O termo imaginário aqui utilizado não está associado meramente ao ato de fantasiar, ele carrega consigo um sentido mais amplo, reconhecido como um campo preenchido por forças ocultas, local em que se misturam e se mesclam memórias, experiências, sonhos, devaneios e sensações e apreensões diversas sobre o mundo. Como nas palavras de Juremir Machado da Silva ([200?], s.p.), é visto como uma rede etérea e movediça de valores e de sensações partilhadas.

Num sentido mais convencional, o imaginário opõe-se ao real, na medida em que, pela imaginação, representa esse real, distorcendo-o, idealizando-o, formatando-o simbolicamente. Numa acepção mais antropológica, o imaginário é uma introjeção do real, a aceitação inconsciente, ou quase, de um modo de ser partilhado com outros, com um antes, um durante e um depois (no qual se pode interferir em maior ou menor grau). O imaginário é uma língua. O indivíduo entra nele pela compreensão e aceitação das suas regras; participa dele pelos atos de fala imaginal (vivências) e altera-o por ser também um agente imaginal (ator social) em situação.

Mergulho nessa língua própria e imaginal, que se constrói de forma empírica e orgânica, e componho minha criação final usando também palavras e músicas emprestadas de Clarice Lispector, Gonçalo Tavares, Björk e Ceu para complementar a narrativa visual. O trabalho pode ser apreciado no seguinte link: <https://youtu.be/9jkemqX7FkM>

IV. De qualquer modo com a teoria da poética, que é não existir teoria e só



poética.

Imagem 4: Registro da ação performativa. Arquivo pessoal da pesquisadora.

Por fim, construo nesse vídeo-poema novas paisagens, nas quais me reinvento e configuro espaços imagináveis que engendram certa autonomia dramática e estética. Deixo-me inspirar pelo pensamento de Gaston Bachelard (2001, p.57-8) “uma paisagem é um estado de alma”:

Assim que as imagens são estudadas em seus aspectos dinâmicos e correlativamente experimentadas em suas funções psiquicamente dinamizantes, a antiga expressão, que não cessa de ser repetida – uma paisagem é um estado de alma –, recebe novíssimos significados. De fato, a expressão quase que não só visava a estados contemplativos, como se a paisagem só tivesse por função ser contemplada, como se fosse o mero dicionário de todas as palavras evasivas, vãs aspirações para a evasão. Pelo contrário, com os devaneios da vontade se desenvolvem temas necessariamente preciosos da construção demiúrgica: a paisagem torna-se um caráter. Só a compreendemos dinamicamente se a vontade participa de sua construção, com a alegria de assegurar-lhe as bases, de medir-lhe as resistências e as forças.

Ao contrário da ideia de que a paisagem deva ser contemplada passivamente, trata-se de uma atmosfera na qual a imagem instaura no observador o estado ativo e dinâmico da imaginação criadora, a mover as vias internas. A fruição acontece, então, a partir do olhar e dessa absorção imagética, ativando os instintos mais profundos derivados da “necessidade positiva de imaginar” (BACHELARD, 2001, p.62).

É difícil classificar ou nomear minha apresentação performativa no congresso, pois nessa realidade pandêmica, nós, artistas da cena, somos obrigados a rever e recriar constantemente nossos modos e meios de produção. Assim, ainda sem saber explicar com clareza a relação dessa experiência com meu histórico de pesquisa sobre mascaramentos corporais e espaciais, apenas reconheço a maneira como ela me permitiu, através de um acontecimento pessoal e doloroso, realizar um processo híbrido e autoral. Através da dor e da dança, foram ativadas sensações e memórias corporais, e, em minha própria morada, realizei uma colagem visual e sonora, construindo “mascaramentos videográficos”, elaborando imagens dinâmicas (paisagens) que, para além da própria apreciação estética, também provocam uma reflexão sobre poéticas contemporâneas a romper fronteiras entre as linguagens e a estreitar a relação arte vida, respeitando necessidades de sobrevivência e resistência, tanto físicas como espirituais.

Encerro esse ensaio com as palavras de Gonçalo Tavares (2018, p.37), que muito me ajudaram a costurar a presente reflexão, nutriram a poética do pensamento e me motivaram a encontrar meu próprio ritmo:

O ritmo

De qualquer modo dança.
De qualquer modo sente.
De qualquer modo o corpo contém o dia.
De qualquer modo as cores e o Músculo.
De qualquer modo o coração.
De qualquer modo no Fundo a Memória.
Mas de qualquer modo sem Teorias.
De qualquer modo com a teoria da poética que é não existir teoria e só poética.
De qualquer modo a ciência atrapalha 1 pouco mas não totalmente.
De qualquer modo Curiosidade.
De qualquer modo coleciona montanhas.
De qualquer modo acabar quando o ritmo exige que se continue o ritmo exige coisas a que não devemos aceitar obedecer ser escravos.
(TAVARES, 2018, p.37)

REFERÊNCIAS CITADAS

- BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios da vontade**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CASTRO, Manuel Antonio de. **Dicionário de poética e pensamento** [on-line]. Disponível em: <www.dicpoetica.letras.ufrj.br>. Acesso em: 14 jul. 2019.
- ROLNIK, Suely. **Uma terapêutica para tempos desprovidos de poesia** [on-line]. Núcleo de Estudos da Subjetividade, PUC-SP, São Paulo, s.d. Disponível em: https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/terapeutica_Suely_Rolnik.pdf. Acesso em: 14 jul. 2019.
- ROSSIN, Elisa de Almeida. **O campo poético das máscaras, atravessamentos atemporais ensaiados na pele e na forma**. Tese. Universidade de São Paulo, 2019.
- SILVA, Juremir Machado da. **Tecnologias do imaginário: esboços para um conceito** [on-line]. [200?]. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/59589936-Tecnologias-do-imaginario-esbocos-para-um-conceito-1-juremir-machado-da-silva-2.html>>. Acesso em: 21 jun. 2019.
- TAVARES, Gonçalo M. **O Livro da dança**. Lisboa: Relógio D`Água Editores, 2018.